



# Literatura

e a reflexão sobre os processos de  
**simbolização do mundo**

**Gabriela Cristina Borborema Bozzo**  
(Organizadora)



# Literatura

e a reflexão sobre os processos de  
simbolização do mundo

**Gabriela Cristina Borborema Bozzo**  
(Organizadora)

### **Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes editoriais**

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecária**

Janaina Ramos

### **Projeto gráfico**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da capa**

iStock

### **Edição de arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

*Open access publication* by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

## Literatura e a reflexão sobre os processos de simbolização do mundo

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Giovanna Sandrini de Azevedo  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadora:** Gabriela Cristina Borborema Bozzo

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L776 Literatura e a reflexão sobre os processos de simbolização do mundo / Organizadora Gabriela Cristina Borborema Bozzo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-339-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.399212707>

1. Literatura. I. Bozzo, Gabriela Cristina Borborema. II. Título.

CDD 801

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## APRESENTAÇÃO

O livro *Literatura e a Reflexão sobre Processos de Simbolização no Mundo* trata das diferentes simbologias que a literatura pode assumir nos diversos contextos históricos em que se apresenta. Sendo o papel da literatura a transcendência da experiência humana, os artigos que constituem os dezessete capítulos deste livro a tematizam e apresentam, em seu imenso campo teórico-crítico, diferentes abordagens metodológicas possíveis nos estudos literários.

Nesse sentido, há estudos desde a obra de José de Alencar e Machado de Assis até reflexões sobre o papel da literatura como formadora na escola hodiernamente. Há, ainda, estudos sobre autores modernistas, como Drummond, e contemporâneos, como Rubem Fonseca. Apesar de apresentar autores pouco estudados como *corpus*, como França Pinto e Alciene Ribeiro, não deixa os consagrados de lado, como Alberto Caeiro e os referidos autores romântico e realista brasileiros.

Assim, o volume reúne diferentes artigos que buscam entender a simbolização da literatura no mundo sob diversos vieses. Buscando, muitas vezes, entender seu papel formador na escola e, outras, arriscando interpretações ousadas da poesia de autores consagrados e pouco estudados, como referido anteriormente. Outrossim, as diferentes abordagens da literatura nos capítulos do volume apresentam algo em comum: a busca pelo entendimento sobre a literatura – sua função transcendental e possíveis leituras de diferentes autores.

Por fim, o livro busca colaborar para a comunidade científica no ramo dos estudos literários – graduandos, graduados, pós-graduandos, mestres e doutores – sobretudo no que diz respeito aos universos literários possíveis. Espera-se, assim, que seus artigos que compõem os capítulos – e seu grito uníssono quanto à importância dos estudos literários – corroborem para com a experiência científica em diferentes níveis acadêmicos.

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

A FALA DOS SERINGUEIROS AMAZÔNICOS NA FRONTEIRA BRASIL - BOLÍVIA

Francisco Marquelino Santana

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127071>

### **CAPÍTULO 2..... 10**

VERSOS DA TRADIÇÃO ORAL: UMA EXPERIÊNCIA POÉTICA COM AS QUADRINHAS POPULARES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Rosana do Rêgo e Silva

Ana Rosa Costa Picanço Moreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127072>

### **CAPÍTULO 3..... 18**

LITERATURA INFANTIL: ACESSO À CULTURA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Yaeko Nakadakari Tshako

Dagoberto Buim Arena

Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto

Letícia Barboza Petrucelli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127073>

### **CAPÍTULO 4..... 29**

UM PRÍNCIPE NO JARDIM DAS ROSAS: ENTE E EXISTÊNCIA EM *O PEQUENO PRÍNCIPE* (1944)

Marcus Baccega

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127074>

### **CAPÍTULO 5..... 43**

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: EM DESTAQUE A APRENDIZAGEM A PARTIR DA LITERATURA

Elisangela Alves dos Reis

Marlene Sampaio da Silva Miranda

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127075>

### **CAPÍTULO 6..... 58**

A LITERATURA SEGUNDO ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE VÁRZEA GRANDE/MT

Simone Sanches Vicente Moraes

Soraya do Lago Albuquerque

Dolores Aparecida Garcia

Ninna Sanches Vicente da Costa

Yara Reis Cardoso

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127076>

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>71</b>
A JUSTIÇA EM LUGAR DO CURTO-CIRCUITO DA VINGANÇA: UMA VISÃO DA <i>ORÉSTIA</i> E DA EDUCAÇÃO PÚBLICA PARA A EQUIDADE DE PAUL RICOEUR	
Hilda Helena Soares Bentes	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127077">https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127077</a>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>83</b>
JUVENTUDE E CULTURA NO SÉCULO XXI: A LEITURA LITERÁRIA	
Rosimeiri Darc Cardoso	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127078">https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127078</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>92</b>
PERDA GESTACIONAL E MORTALIDADE MATERNA COMO ELEMENTOS DE REDENÇÃO EM LUCÍOLA DE JOSÉ DE ALENCAR	
Tamara Cecília Rangel Gomes	
Lívia Vasconcelos de Andrade	
Clarisse Conceição Rangel Gomes	
José Alexandre	
Ethmar Vieira de Andrade Filho	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127079">https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127079</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>98</b>
ENTRE LAÇOS E LANÇAS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA ATRAVÉS DA METAFICÇÃO HISTÓRICA DE <i>O RETRATO DO REI</i>	
Cristina Reis Maia	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270710">https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270710</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>113</b>
PATRIARCADO E PATERNIDADE EM HELENA DE MACHADO DE ASSIS	
Tamara Cecília Rangel Gomes	
Clarisse Conceição Rangel Gomes	
Lívia Vasconcelos de Andrade	
José Alexandre	
Ethmar Vieira de Andrade Filho	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270711">https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270711</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>120</b>
SERVIDÃO, SUBMISSÃO E LIBERAÇÃO FEMININA EM CONTOS DE ALCIENE RIBEIRO	
Natália Tano Portela	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270712">https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270712</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>127</b>
ESCRITAS DO URBANO E DA VIOLÊNCIA NA CIDADE DIVIDIDA: ESTUDO DOS CONTOS A <i>ARTE DE ANDAR NAS RUAS, O COBRADOR</i> (E OUTROS CONTOS), DE RUBEM FONSECA	
Maria Iranilde Almeida Costa Pinheiro	

Francisca Carla Soares da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270713>

**CAPÍTULO 14..... 141**

A POESIA DO RIO-GRANDINO FRANÇA PINTO

Mateus Santana Corrêa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270714>

**CAPÍTULO 15..... 149**

O EROTISMO EM POEMAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Fábio Ferreira Lopes

Maria do Socorro Souza Silva

Maria Lidiana Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270715>

**CAPÍTULO 16..... 158**

A ONTOLOGIA DO SINGULAR NA POESIA DE ALBERTO CAEIRO

Marcos Vinício Guimaraes Giusti

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270716>

**CAPÍTULO 17..... 165**

A MEDIDA DO MUNDO, DE DANIEL KEHLMANN: UMA VIAGEM ATRAVÉS DA CIÊNCIA

Carla Luciane Klos Schöninger

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270717>

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 174**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 175**

## UM PRÍNCIPE NO JARDIM DAS ROSAS: ENTE E EXISTÊNCIA EM *O PEQUENO PRÍNCIPE* (1944)

Data de aceite: 23/07/2021

**Marcus Baccega**

(UFMA)

Para Rafael Balan Zappia

**RESUMO:** O presente texto visa a propor uma interpretação filosófica e teológica do clássico *O Pequeno Príncipe* (1944), do avião Antoine de Saint-Exupéry, transmutada, ao longo da segunda metade do século XX, em obra-prima de poesia e verdadeiro "romance de formação" existencialista. Muitos adultos leram, para si e para seus filhos, este belo e singelo enredo. Nesta perspectiva, revisitamos os sistemas filosóficos de Platão, Georg Wilhelm Friedrich Hegel e Martin Heidegger para compreender o Dasein que somos na história, bem como a Teologia de Leonardo Boff e a consagrada metáfora da águia e da galinha. Ao fim, enseja-se uma leitura cristã da obra em análise.

**PALAVRAS-CHAVE:** O Pequeno Príncipe; Ontologia; Existência.

**ABSTRACT:** The present text aims at proposing a philosophical and theological interpretation of the classic book *The Little Prince* (1944), by the French aviator Antoine de Saint-Exupéry, which was transmuted, along the second half of the 20th. century, into a masterpiece of poetry and true "Bildungsroman" of the Existentialism. Many adults have read this wondrous and simple plot to themselves or their offspring. Under such perspective, we revisit the philosophical systems

by Plato, Georg Wilhelm Friedrich Hegel and Martin Heidegger in order to understand the Dasein that we are in history, as well as the theology of Leonardo Boff and his consecrated metaphor of the eagle and the hen. At the end, we suggest a Christian reading of the work analysed.

**KEYWORDS:** The Little Prince; Ontology; Existence.

### 1 | INTRODUÇÃO

Esta reflexão visa a ensaiar e propor, de forma indagativa e sem pretensão conclusiva, algumas hipóteses de interpretação das noções de *ente* e *existência* implícitas ao enredo do clássico e imortal *O Pequeno Príncipe*, escrito, pouco antes de sua morte, pelo avião Antoine de Saint-Exupéry. O militar e aventureiro desapareceu, ao final da Segunda Guerra Mundial, quando sobrevoava o teatro de batalha das Ardenas, na França sob ocupação nazista.

O autor constrói um *alter ego*, um narrador onisciente, em primeira pessoa, processo pelo qual ficcionaliza sua participação direta na trama, narrada à maneira de um resgate de memória desta *persona* narrativa. Ao ser forçado a um pouso inesperado no deserto, no norte da África, o narrador-aviador, já inquieto com os problemas técnicos no motor da aeronave e a iminente falta de combustível, vê-se surpreendido por um menino louro. Sem maiores cerimônias, o então intitulado Pequeno Príncipe solicita que o aventureiro lhe desenhe

um carneiro.

Com o desenrolar da narrativa, o Pequeno Príncipe elucida como veio ao planeta Terra, procedendo do Asteroide B 612, que teria sido observado por um astrônomo turco em 1909, desacreditado por não aderir às vestes ocidentais e permanecer fiel a sua cultura de origem. Ao final da trama, como se sabe, o Pequeno Príncipe padece de morte física, mas retorna, assim, a seu asteroide de origem, de onde jamais cessará de recordar o amigo na Terra, sendo recíproca a atitude do último para com o protagonista.

Serão aqui suscitadas algumas hipóteses de leitura da obra, que procurem responder à questão-problema acerca das ideias de *ente* e *existência* subjacentes ao livro *O Pequeno Príncipe*, com o intuito de propor, ao final, uma senda de interpretação para este livro merecidamente tão universal e formativo.

## 2 | UM PRÍNCIPE E SUAS LEMBRANÇAS

Se o advento do Pequeno Príncipe no Deserto do Sahara puder ser compreendido enquanto nascimento terreno, ou princípio físico de alguém cujo espírito, ainda que de modo não declarado, tenha já uma preexistência e conhecimentos anteriores à vinda para a Terra, então a filosofia de Platão (427-347 a.C.) deverá ser aqui revisitada.

Com efeito, em seu minúsculo Asteroide B 612, o protagonista – à maneira de uma atemporalidade subentendida – já conhecia a Rosa, os vulcões, o extinto e o ainda vivo, bem como as ervas daninhas que, de modo intermitente, grassavam no pequeno astro. Ao narrar e detalhar sua existência anterior ao Aviador, o Pequeno Príncipe apreende os sentidos recônditos, sobretudo morais, de suas recordações anteriores ao advento telúrico. Neste sentido, a *persona* narrativa constituída por Saint-Exupéry atua como instância de interrogação e indução para que a memória do protagonista não apenas externe, mas sobretudo, compreenda suas vivências pretéritas.

Deste modo, manifesta-se, em primeiro lugar, a dialética platônica, ou seja, pensar por meio de diálogos, da técnica de perguntas e respostas, daquilo que os Escolásticos, na Idade Média Central (séculos XI-XIII), denominarão *disputatio*. Em seu transfundo, como não poderia deixar de ser, é possível entrever a maiêutica socrática, a elocução crítica, que questiona, de forma zetética, as certezas e verdades prévias do interlocutor, a partir do célebre dístico *só sei que nada sei*. De tal modo, o homem virtuoso, como é, por excelência, o Pequeno Príncipe, rememora, por meio da linguagem, as vivências ocorridas, *illo tempore*, no *Topos Uranos*, o mundo das ideias, das formas perfeitas e puras, presentes ao *logos* do Demiurgo que, desde a Eternidade, transformou o *caos* em *cosmo*.

Nesta moldura analítica, o Pequeno Príncipe atua como o *basileus philosophos* (o rei filósofo) da *Callipolis* platônica. Por meio da metempsicose, recorda-se de suas vivências e as compreende, tornando-se capaz de ascender da *doxa* à *episteme*, de um saber opinativo ingênuo e infundado, para o conhecimento rigoroso, metódico, silogístico e acurado da

filosofia. É este sábio, na *Callipolis*, o eleito por Platão, como ideal de governante virtuoso, para a forma de governo mais perfeita, como descreve no Livro IX de *A República* (meados do século IV a.C.).

Convém agora salientar, consoante o pensamento de Norberto Bobbio (*A Teoria das Formas de Governo*, 1976), que Platão parece reconhecer o caráter utópico da *Callipolis*, cuja concreção estaria para além do horizonte histórico, como o pensador discorre no Livro IX de *A República*. Com efeito, ao longo do Livro VIII do mesmo diálogo, Platão concebe a história não como um progresso indefinido, como seria ulteriormente pensada pela razão iluminista e seus desdobramentos posteriores. Ao contrário, a história seria o teatro de um regresso definido, em que as formas de governo se deteriorariam progressivamente, partindo da tirania, forma historicamente corrompida da monarquia ideal do rei filósofo. Ocorre, a seguir, a timocracia dos aristocratas (governo fundamentado na concepção de honra), que se desnatura para a oligarquia, o mau governo de poucos. Segue-se, então, a democracia, o governo de muitos, menos desvirtuado que seu par, a oclocracia, o mau governo de muitos, que Platão identifica à mais torpe e corrupta das formas de governo (BOBBIO, 1995: 45-46)

Esta chave exegética poderia descortinar, por exemplo, a razão pela qual o Pequeno Príncipe retorna, em uma clara transmutação metafísica, para seu *locus* originário, desfecho apenas pressuposto no enredo, à maneira da alma platônica que, imortal, transmigra de volta para junto do Demiurgo, no *Topos Uranos*. Lá, e apenas lá, poderá construir o mundo perfeito que tanto o Pequeno Príncipe como o Aviador idealizam.

### 3 | UM PRÍNCIPE E SEU DESESPERO

Conquanto frutífera em suas possibilidades hermenêuticas, a filosofia idealista de Platão nos parece não conseguir elucidar as camadas mais recônditas de significação da bela obra de Saint-Exupéry. Propõe-se, por conseguinte, outra vertente de leitura, fundamentada na fenomenologia de Martin Heidegger (1889-1976), aqui se coligindo seu pensamento a partir de seu livro mais célebre, *Ser e Tempo* (1927). A fenomenologia de Heidegger, consoante seu programa filosófico, exposto na “Introdução” (*Einleitung*) ao livro, intitulada, precisamente, “A exposição da pergunta pelo sentido do ser” (*Die Exposition der Frage nach dem Sinn vom Sein*), propõe-se ser uma retomada da questão central pelo Ser e, por conseguinte, uma analítica do *Dasein* (HEIDEGGER, 2006: 02-15).

Interessa-nos aqui explorar, ainda que brevemente, a ideia de *Dasein*, apelando para seu sentido em alemão. O termo é, de acordo com a Gramática Normativa alemã, um *Kompositum*, ou seja, um palavra advinda da aglutinação de duas outras, com estatutos gramaticais próprios. No caso em questão, trata-se da associação polissêmica entre *da*, um sinônimo aproximado para *dort*, “lá”, “ali”, mas que pode substituir, oralmente, o “aqui”, *hier*, bem como introduzir uma oração causal, algo como “na medida em que”, “pois”, “haja vista

que”. A expressão alemã compósita, *Dasein*, já se encontra nos escritos de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), sobretudo em *Filosofia do Espírito* (1805) e *Fenomenologia do Espírito* (1807).

Nos termos do Idealismo de Hegel, o *Dasein* é o protagonista de uma experiência da consciência, sendo o processo histórico seu solo ontológico e gnosiológico. O pensar conceitual e rigoroso que é a filosofia deve atuar, justamente, como uma ciência da experiência da consciência na história, que Hegel define por *fenomenologia*. O *Dasein*, o Ser hegeliano, parece, à primeira leitura, estar em permanente movimento, metamorfose, perfeição. Partindo de sua condição primordial de **consciência do mundo circunstante** (*consciência-em-si*) para aquela de uma consciência universal, uma Razão onipresente e onisciente no que concerne à história, instância denominada **Espírito** (*Geist*). Impende aqui observar que, em alemão, também *Geist* é um vocábulo polissêmico, podendo recobrir um campo semântico bastante vasto, integrado por ideias como “espírito”, “intelecto”, “*ethos*”, “imaginação”.

Em seu percurso, o *Dasein* transita, então, da *consciência-em-si* para a **consciência-para-si**, capacidade de autorreflexão do eu), o que lhe permite adentrar o estágio da **arte**, condição em que se consegue transcrier o mundo circunstante na esfera estético-expressiva. A próxima determinidade (*Bestimmtheit*) que prepondera na experiência da consciência do *Dasein* na História é a **religião**, definida como aptidão para conhecer, de forma ainda não completamente intelectual, mas dogmática, os atributos do Espírito Universal, entendido ainda sob a forma de Universal Abstrato. Por fim, a consciência acede à **filosofia**, que, no sistema filosófico de Hegel, pode ser sinonimizada à *ciência*, determinidade em cujo seio consegue sintetizar o conhecimento universal do Absoluto sob a figuração de Universal Concreto.

Tal itinerário de perfeição do Espírito – sempre e repetidas vezes percorrido, como o filósofo alemão salienta no parágrafo 28 do Prefácio à *Fenomenologia do Espírito* – pressupõe um *modus* específico para a transitoriedade fenomenológico-existencial do *Dasein*: a **dialética**. Leiamos:

A tarefa de conduzir o indivíduo, deste seu estado inculto (*ungebildet* – não formado) até o saber, devia ser entendida em seu sentido universal e tinha de considerar o indivíduo universal, o Espírito consciente-de-si (*Weltgeist* – o Espírito do mundo) na sua formação cultural. No que toca à relação entre os dois indivíduos, cada momento do indivíduo universal se mostra conforme o modo como obtém sua forma (*Form*) concreta e sua figuração (*Gestaltung*) própria. O indivíduo particular é o Espírito incompleto, uma figura (*Gestalt*) concreta: uma só determinidade predomina em todo seu ser-aí, enquanto outras determinidades ali só ocorrem como traços rasurados. O indivíduo cuja substância é o Espírito situado no mais alto, percorre esse passado da mesma maneira como quem se apresta a adquirir uma ciência superior, percorre os conhecimentos preparatórios que há muito tem dentro de si, para fazer seu conteúdo presente; evoca de novo sua rememoração (*Erinnerung*), sem, no entanto, ter aí seu interesse ou demorar-se neles (HEGEL, 2003: 35-36).

Em Hegel, cada uma das etapas antes caracterizadas possui um atributo singular hegemônico sobre as primícias, ainda pressupostas, dos demais patamares. Predomina, assim, em cada fase, uma determinidade (*Bestimmtheit*), conforme podemos observar. A passagem de uma a outra ocorre com a experiência do **desespero** (*Verzweiflung*), que equivale à fragilização das imagens do mundo, das percepções e sensações constitutivas da consciência sob a égide de cada uma das determinidades. A fragmentação destas imagens se dá no processo de negação determinada da dialética hegeliana, no qual a determinidade anterior, enquanto ideia, cosmovisão (*Weltanschauung*), é negada, na condição de **tese** por uma **antítese** que lhe era desde o início interna, e que será, por sua vez, negada por outra ideia, engendrando, como **síntese**, uma determinidade nova. A nova figuração da consciência (*Gestaltung*), neste sentido, atua a célebre *Aufhebung* hegeliana, ou seja, nega, supera e conserva a determinidade anterior, em um só movimento dialético.

Não seria difícil tecer uma leitura de *O Pequeno Príncipe* à luz de Hegel, sobretudo se considerarmos que o herói inicia sua caminhada na historicidade deste mundo não *ex nihilo*, mas repleto de experiências prévias, tais como as visitas ao planeta do homem de negócios, do rei solitário e do iluminador de ruas, todos eles podendo ser interpretados como arquétipos de determinidades/teses anteriores.

Se a evolução necessária, *a priori* arquitetada para o *Dasein* é, por excelência, uma dialética em espiral – imagem de História proposta por Giambattista Vico (1668-1744) em *Ciência Nova* (1725) – um trajeto inúmeras vezes percorrido, parece, então, compreensível por qual motivo o Pequeno Príncipe deve retornar ao ponto de origem, a sua condição originária, tendo transitado entre diversas experiências. O sentido da narrativa, de suas múltiplas vivências, lhe é dado decifrar a partir da interlocução com o narrador-personagem.

Neste molde hegeliano, não parece incoerente detectar, na trama de Saint-Exupéry, uma cisão fundamental na vida do Espírito. Envolta em circunstâncias fenomênicas que aparecem como contraditórias, caracterizadas pela dialética e sua negação determinada, a consciência desvela, no entanto, um real que, em sua profundidade, é racional. O **eu**, unidade sintética de representações do mundo, posicionando os entes do mundo diante da consciência em trânsito (*vorstellen*), permanece, ao longo de todo o processo dialético da história (*Geschichte*), em eterna identidade consigo próprio (*eu = eu*). Afinal, se o trajeto do *Dasein* é sempre um percurso renovado, uma rota há muito sabida e trilhada por repetidas vezes, pode-se deduzir, na fenomenologia de Hegel, que a experiência da consciência na história é, no fundo, a todo o tempo, experiência do Espírito.

Entretanto, há outra instância desta Razão universal que repete a senda para sua própria perfeição, talvez à maneira de potencialidades que se tornam atos (Aristóteles): o **sujeito**. Este *sub-jectum*, aquele que é jogado ou projetado na existência sob sua própria égide, é precisamente o indeterminado que, atravessando as diferentes determinidades do *Dasein*, não permite ao Espírito repousar. Em outras palavras, o sujeito impele o Espírito à dialética, à fragmentação das representações de mundo consentâneas a cada

determinidade, ao desespero, à história. Não por acaso, na *Filosofia do Espírito* (1805), Hegel profere:

O homem é esta noite, este nada vazio que contém tudo na simplicidade desta noite, uma riqueza de representações, de imagens infinitamente múltiplas, nenhuma das quais lhe vem precisamente ao Espírito, ou que não existem como efetivamente presentes. É esta noite que descobrimos quando olhamos um homem nos olhos, uma noite que se torna terrível, é a noite do mundo que avança diante de nós (HEGEL, 2006: 17).

Nesta grade semântica, por quê não aventar a hipótese de que tanto o Pequeno Príncipe quanto o Aviador seriam, na verdade, as duas faces da consciência que peregrina em retorno rumo ao Espírito? O Pequeno Príncipe, o **eu**, unidade sintética de representações que permanece eu auto-identidade (provém do Asteroide B 612 e para ele retorna, cumprindo um destino antes traçado); o Aviador, por outro lado, o **sujeito**, que não lhe permite o conforto de um repouso inerte?

#### 4 I UM PRÍNCIPE, SUAS SENDAS, SUAS VIVÊNCIAS

Ao propor as linhas mestras de sua fenomenologia, Hegel pretendia constituir um projeto de filosofia capaz de enfrentar a necessidade de autocertificação da Modernidade, que deve romper com qualquer fundamento metafísico e procurar em si mesma sua legitimação. O pensador alemão concebia o processo histórico de gesta da Modernidade como uma confluência entre a Reforma Protestante do século XVI, que fundou a **subjetividade** de um fiel que mantém contato direto com Deus e interpreta, por si mesmo, as Sagradas Escrituras (sem a mediação do clero), a Revolução Francesa de 1789-1799, que recoloca, em tons dramático-trágicos, a preocupação ético-política com as noções de **Lei Justa e Estado Justo**, e a filosofia de Immanuel Kant (1724-1804), a *Aufklärung*, que pretende sacramentar um **Homem racional em sua maioria intelectual**, libertado de todos os dogmas e pressupostos metafísicos. Para Hegel, a filosofia kantiana é o momento apical da cisão da vida do Espírito, de seu divórcio para com sua substancialidade material.

Todavia, o sistema filosófico kantiano não conseguiu, propriamente, romper com a tradição metafísica da experiência intelectual do Ocidente. Na *Crítica da Razão Pura* (1781), efetivamente, a filosofia de Kant proclama sua “maioridade intelectual”, reverberada no célebre dístico *sapere aude* (“ousai saber”), presente ao texto *O que é a Ilustração?* (*Was ist Aufklärung?*), de 1784. Instaura-se uma ruptura com a tradição neoescolástica e se dissolve a sinonímia, existente desde a Filosofia Patrística da Primeira Idade Média (séculos IV a VIII), entre filosofia e teologia. Porém não se rompe com algo mais profundo, a Metafísica, herança do Mundo Clássico por excelência. O sujeito kantiano, com efeito, é um *eu* para além de toda e qualquer condição de finitude da história, o que implica que o mesmo é dotado de atributos *a priori*, que configuram seu *logos*. Daí Kant apelar para doze categorias de pensamento anteriores a toda a experiência: causalidade, substância

e comunidade (quanto à **relação**) unidade, pluralidade, totalidade (quanto à **quantidade**), realidade, negação e limitação (quanto à **qualidade**) e possibilidade, existência e necessidade (quanto à **modalidade**).

Neste lastro, a filosofia de Kant é, sem dúvida, uma *Analítica Transcendental*, vez que o sujeito é um *eu* transcendental, cujo juízo é formatado pelas 12 categorias inatas de entendimento e pelas noções intuitivas do pensar, *espaço* e *tempo*, fundamentos gnosiológicos dos referidos atributos *a priori*. Apesar de perceber que Kant não rompe com a Metafísica, mesmo que a *Aufklärung* seja a filosofia instituinte da Modernidade, Hegel também não consegue cumprir seu projeto filosófico: romper com os fundamentos metafísicos e fundar um regime de autocertificação para a Modernidade. Como pudemos analisar, a história – experiência da consciência no mundo – é um trajeto de determinidades *a priori* estatuídas, porquanto é sempre o Espírito a atuar sua própria fenomenologia.

Neste ponto, deve-se atentar para o pensamento insurgente de Martin Heidegger. Em sua fenomenologia, que converge em pontos fundamentais, enquanto filosofia da existência, com o Existencialismo de matriz francesa, a indagação fundamental pelo Ser, vale dizer, a **questão ontológica** é o móvel existencial do *Dasein*. Perquirir e, principalmente, compreender, não é mais algo que o *Dasein* faça, e sim algo que ele **é**. Em outras palavras, compreender corresponde a seu próprio **estatuto ontológico**.

Esse *Dasein*, talvez melhor apresentado como *da-sein*, é, como se pode adequadamente traduzir, um *ser-aí*, um *ser que é sendo*, um ser em contingência, em situação, em transformação. É precisamente, para Heidegger, a ideia de **ente** (*Seiend* = “aquele que está sendo”), retomando-se a forma gramatical do particípio presente (gerúndio) do verbo latino *sum* (infinitivo *esse*), à maneira de São Tomás de Aquino (1225-1274), na Questão 75 e seguintes da Parte I da *Suma de Teologia* (1266-1274).

Desta forma, o *Dasein* é o ente – aquele que está sempre sendo e em mudança – que pergunta a si mesmo sobre o Ser. O *Dasein*, que é o homem na concreta finitude da história, é ontologicamente **compreensão**, é o Ser compreendendo processualmente a si próprio. Nestes termos, **o ser que é sendo** perfaz suas sendas históricas, concretas, materiais e finitas, não a partir de qualquer determinidade prévia, de qualquer pressuposto *a priori*, mas a partir de si mesmo e do fato irrefutável de que está no mundo, de que está imerso na materialidade. Portanto, o *Dasein* de Heidegger caminha sobre um solo ontológico específico, a **história**, de que apenas ele é capaz, por se tratar do Ser compreendendo a si mesmo processualmente.

Se não há um percurso previamente desenhado, nenhuma trajetória de determinidades arquetípicas a percorrer, *o ser que é sendo* deve construir, a cada momento histórico, a cada *agora*, sua trajetória existencial. Projeto de si na História, em permanente reconfiguração, metamórfico, o *Dasein* constrói seu caminho ao caminhar, sem uma direção prévia. Esta constatação – a historicidade radical da condição humana no mundo e no tempo – foi pronunciada, em termos contundentes, pelo filósofo existencialista francês

Jean-Paul Sartre (1905-1980), em *Ser e Nada* (1943): estamos todos, seres humanos, **condenados à liberdade**. O *Dasein*, que são os homens e mulheres na historicidade de sua condição existencial, é, por excelência, o **existente**. *Existir*, no sentido rigoroso de Heidegger, é *ex-sistere*, ou seja, a cada momento, não apenas “estar fora e para além de si mesmo”, um *ex-stare*, mas suste-se fora de si mesmo, colocar-se em marcha na história. Neste sentido, o existente é um projeto (*pro-jectum*) de si, um ser de experiência no mundo, um ser forjado pelo tempo e pela experiência, a cada passo de seu percurso.

## 5 | O HORTO DAS ROSAS

A reflexão de Heidegger nos fornece elementos para decifrar o enredo de *O Pequeno Príncipe* enquanto fenomenologia de um ser que é enquanto compreende, que está sempre sendo e se construindo à medida que entende e atribui sentido a suas vivências. Esta condição experiencial do *Dasein* que se interroga, sendo aqui encarnado no Pequeno Príncipe, de apenas atuar sua ontologia radical ao compreender o Ser, na história e por meio da história, elucida por que o protagonista precisou vir à Terra, eloquente alegoria para a consciência de si. Não coincidente com o nascimento biológico, a irrupção da manifestação humana do Ser enquanto compreensão contínua de si se dá com a aquisição da consciência, apta para formular a questão ontológica de fundo: o que é o Ser? Por isso, alegoricamente, o Pequeno Príncipe chega à Terra conduzido por uma migração de pássaros selvagens, alusão aos instintos primários, prévios à experiência ontognosiológica.

Todavia, nesta chave de leitura, como interpretar as vivências/lembranças do Pequeno Príncipe antes de advir à Terra? Mais ainda, o que dizer da morte do personagem, sendo que o foco narrativo suscita, de forma eloquente, o entendimento de que há uma revivescência – uma ressurreição talvez – do mesmo, que então retorna a seu lugar de origem, metáfora de uma condição originária?

A moldura reflexiva que pode desvendar nossa trama nos parece estar em uma vertente do Existencialismo que talvez tenha seu marco de destaque em 1959, com a conversão do filósofo existencialista, jornalista e dramaturgo francês, de vertente socrática, Gabriel Marcel (1889-1973), ao catolicismo. Trata-se do Existencialismo cristão, que inspirou, inclusive, os teólogos católicos reformistas de meados do século XX – com ênfase nos nomes do jesuíta Karl Rahner (1904-1984), Hans Urs von Balthasar (1905-1988) e Hans Küng (1928-2021) – vultos de grande participação e destaque no Concílio Vaticano II (1961-1965).

Na América Latina, o impulso reformista e, na medida do possível, democratizante desse Concílio, idealizado e convocado pelo Papa João XXIII (1958-1963) em torno da concepção de uma **Igreja dos Pobres**, impeliu muitos sacerdotes, leigos e teólogos católicos a adotarem um posicionamento de esquerda, promovendo a emergência da Teologia da Libertação (BOSI, 2013: 329-334). A par do diálogo com o Materialismo Histórico de Karl

Marx, seu transfundo filosófico e teológico repousava sobre a Fenomenologia alemã, especialmente Heidegger, e os existencialistas franceses.

Do campo dos teólogos da libertação, destacamos, por sua produção intelectual intensa e abrangente, o brasileiro Leonardo Boff (nascido em 1938), antigo frade franciscano e hoje católico laico. Dentre seus vários livros, muitos dos quais discorrem sobre a condição ao mesmo tempo histórica e transcendente do ser humano, dois merecem aqui nossa atenção. Em *Tempo de Transcendência* (2000), dialogando com diversas tradições espirituais, Boff parece-nos resgatar um antigo ensinamento moral do Judaísmo, também considerado pelo fundador da Psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939): a Educação deve conceder aos homens raízes e asas. Não é difícil perceber que a existência humana é aqui compreendida como uma dialética – em sentido hegeliano – entre o prosaico da imanência e o poético da transcendência.

Convém já assinalar que o Existencialismo cristão pode ser aduzido não como concepção teológica ou caminho de espiritualidade – ou seja, em um viés religioso – mas como uma filosofia da existência que repropõe o tema da transcendência a partir de pensadores não filiados ao Cristianismo. O próprio Freud concebe a transcendência como faculdade própria ao intelecto e ao aparelho psíquico, de pensar para além do tempo presente, de projetar a história, de estar para além de sua finitude por meio do pensar. A transcendência nasce da angústia existencial e é movida pelo desejo, a libido, que não se restringe, como vulgarmente se interpreta, à volúpia ou mero desejo sexual (*Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, 1905). Em torno da libido, enquanto estrutura de transcendência psíquica, dá-se a tensão permanente entre *Eros* e *Tanatos*, vale dizer, as pulsões de vida e morte (retorno à condição oceânica originária e indistinta no ventre materno).

Em *Tempo de Transcendência*, Leonardo Boff associa o pensamento de Freud acerca da libido à tônica do desejo na filosofia de Santo Agostinho de Hipona (354-430), que move a alma racional do Homem para o inefável objeto de seu desejo, que é Deus. É célebre a frase do Bispo de Hipona ao principiar as *Confissões* (398), ensaio que, em nosso tempo, poderia ser considerado “autobiográfico”, dirigindo-se a Deus, em contrição por seus pecados: *Feciste nos ad Te. Cor nostrum inquietum est donec resquiecat in Te* (“Fizeste-nos para Ti e nosso coração não encontra repouso senão em Ti”). A leitura de Boff identifica, no pensamento de Agostinho, uma positividade do desejo, que move os homens para aquilo a que, naturalmente, aspiram: a felicidade. Este Padre da Igreja defina a vida feliz no Livro X, 22, das *Confissões*: *beata vita est gaudere de Te, ad Te, propter Te* (“a vida feliz é gozar de Ti, para Ti e por causa de Ti”).

Na obra de Boff, os seres humanos, vocacionados para o Amor de Deus, são, alegoricamente, como uma árvore. Suas raízes estão permanentemente fincadas ao solo, ao chão, ao substrato concreto que lhes concede sustento. Ao mesmo tempo, sua copa interage com os pássaros, a chuva, o vento, o sol, as forças cósmicas. As raízes a que

se referia Freud, portanto, são a dimensão de materialidade e imanência. Já a copa, que acena para o universo, representa a transcendência, a capacidade de romper e superar os interditos e insuficiências da materialidade do mundo. Ambas as dimensões compõem, no movimento dialético de uma filosofia concreta (Marx), a historicidade da condição humana, que se desenha no permanente diálogo entre o material e o ideal, forjando o real histórico.

Em outro livro, anterior, *A Águia e a Galinha: Uma Metáfora da Condição Humana* (1997), Boff propõe uma metáfora fundamentada em um conto popular da região de Gana, mobilizado pelo educador e líder político James Aggrey. O relato narra como uma águia filhote, resgatada por um caçador ao cair do ninho, foi criada junto às galinhas do mesmo caçador, tornando-se como elas, incapazes de voar alto. Todavia, após alguns intentos fracassados, quando o caçador solta a águia, já adulta, do topo de um penhasco íngreme que circunda um bosque, a águia experimenta a suprema liberdade de voar, ganha os altos céus e recupera sua plena condição de rainha dos ares.

Como sugere Leonardo Boff, assim é o ser humano. Potencialmente *águia*, concretamente *galinha*. A condição humana no mundo e no tempo é uma tensão constante entre estas duas dimensões. Sob o prisma político, os sistemas socioeconômicos opressivos e desumanizadores – o Capitalismo e seu *ethos* burguês ultra-relativista, por excelência – nossa dimensão de águia é denegada, restrita, tentando-se aniquilá-la. A tônica do pensamento de Boff, no entanto, não está em recusar nossa dimensão *galinha* – nossa historicidade e o caráter material e concreto de nossa existência – e sim em reaver nossa potencialidade de *águia*, capacidade de transcendência, pressuposto para a aptidão do Dasein para *compreender sendo*, e *ser compreendendo*. Apenas a faculdade intelectual e psíquica de transcender, visitar e reconstruir o passado com a memória e projetar o futuro com a utopia, pode ensejar nossa capacidade de entender, permitindo que o tempo atue sua produtividade hermenêutica (Hans-Georg Gadamer, *Verdade e Método*, 1961).

Mas por qual razão este conceito do ser humano nos parece o mais virtuoso em possibilidades hermenêuticas quanto a *O Pequeno Príncipe*? Adentremos o horto das rosas, verdadeiro oásis no deserto percorrido pelo Príncipe e pelo Aviador. As rosas suscitam a lembrança da Rosa, o ser mais precioso do Asteroide B 612, que o Pequeno Príncipe aprende a contemplar e rememorar em cada estrela do céu noturno do deserto. As rosas deste jardim, *locus* da introspecção, da meditação e de aprendizado, são como sacramentos daquela Rosa primordial, da Rosa que existe para além da materialidade da peregrinação terrena, da Rosa eterna, atemporal. No fundo, as rosas convidam, com vigor, ao retorno à Rosa cósmica, que permeia todo o universo ao ser contemplada em cada estrela. O Pequeno Príncipe aprende a reconhecer a sacralidade da Rosa e, com fulcro nesta resignificação, aprende também a sacramentalizar as rosas do jardim, em meio ao deserto.

A propósito, que sentido alegórico teria, na narrativa de *O Pequeno Príncipe*, o deserto, ou melhor, o fato de o viajante espacial ter vindo à Terra justamente pousando

sobre o deserto? Pensamos que Leonardo Boff apresenta uma possibilidade plausível para nossa exegese. Em *Tempo de Transcendência*, o teólogo e filósofo refere-se ao deserto como *locus* de irrupção do humano. Refere-se, como sinônimo genérico, à savana da África centro-ocidental, onde teria existido um primata ancestral do *Homo sapiens sapiens*, o *Australopithecus*. O deserto metaforiza as agruras, sofrimentos, carências, insuficiências, desafios da materialidade do mundo. É na ausência radical que, afinal, os homens e mulheres precisam, para subsistir, reinventar-se a cada momento, hominizarem-se processualmente.

Esta hipótese encontra respaldo na Filosofia Patrística, em especial no pensamento de Santo Agostinho. Em sua metafísica, como encetada em *O livre arbítrio (De Libero Arbitrio)*, escrito no ano seguinte àquele em que o *rhetor* romano assume o episcopado em Hipona (395), a História, como dimensão da vida terrena dos homens, inicia-se após o Pecado Original. O Jardim do Éden é o reino da liberdade, onde o casal primordial, Adão e Eva, não precisa trabalhar, pois pode se servir dos frutos de todas as árvores do Paraíso terrestre, à exceção da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal.

O Pecado Original é compreendido, por Agostinho, como metáfora para a ambição dos homens por poder, já que, com fundamento em Paulo de Tarso, o Padre da Igreja concebe que o Mistério da Iniquidade, a existência do mal no mundo, decorre da liberdade humana. A Queda Original precipita o Homem ao reino da necessidade, à História. O Bispo de Hipona a compreende como dimensão em o Homem é destinatário perpétuo, enquanto transitar neste mundo, do anátema de Deus, ao expulsar Adão e Eva do Éden: “comerás o pão com o suor do teu rosto” (Gen. 3,19).

Está, portanto, posta a concepção do mundo terreno como um “vale de lágrimas”. Paulo de Tarso, na *Epístola aos Hebreus*, em dois momentos, refere-se à pátria verdadeira dos cristãos como a Jerusalém Celeste, definindo a condição humana neste mundo como peregrinação (Hebr. 11,16 e 13,14). Por certo, a reflexão de Leonardo Boff vislumbra uma positividade neste processo da história, como deserto, sim, mas um horizonte aberto a infinitas possibilidades para que os homens construam seu próprio destino.

A Rosa eterna, de sua condição atemporal no Asteroide B 612, convida o Pequeno Príncipe a retornar para sua “pátria cósmica”, sua condição demiúrgica primordial, por meio das rosas do horto e dos ensinamentos da Raposa que se seguem ao encontro – sacramental – do personagem com as várias rosas deste mundo, logo transparentes ao olhar do Príncipe nas estrelas do céu. Deus, da mesma forma, convida-nos a regressar a Ele, nosso verdadeiro *locus* de pertença primária, por meio da diafania de todos os entes deste mundo ao Ser, que é Deus, por excelência.

E o faz tornando cada ente participante da substância do Ser, através das experiências sacramentais, que significam a continuidade da densidade da Graça no mundo, tomando aspectos, formas, linguagens e símbolos os mais diversos, desde que se consumou o Mistério da Paixão de Cristo. E Deus realiza sua experiência máxima de amor com a

transcendência, com a encarnação de Seu *Logos* em um homem histórico, o profeta Jesus de Nazaré. Deus nasce e se hominiza – Cristo será seu sacramento por excelência – trazido à luz pela Rosa Mística, Maria. A Rosa do Asteroide B 612, imperfeita, tantas vezes pueril, eivada de vaidades e caprichos, será ressignificada pelos ensinamentos da Raposa – olhar e ver com os olhos do coração – tornando-se imagem e símbolo da outra Rosa, desde sempre redimida pela Graça, Maria.

Neste percurso existencial, exatamente como se dá na moldura do existencialismo/fenomenologia de Heidegger, o *ser que é sendo* revela-se, afinal, como o Pequeno Príncipe, um **ser-para-a-morte**. A morte, único evento fatal e necessário dentre as múltiplas e indefinidas vivências do *Dasein*, assinala a finitude do tempo e da história. Nestes termos, para Heidegger, distintamente de Sartre e sua filosofia do absurdo, a morte não é um sem-sentido, um nada que desconstitui e fragiliza a vida, denotando sua inconsistência, mas justamente o oposto. A morte, marco existencial da finitude, consiste, por isso mesmo, na própria fonte das temporalidades. Da morte, que é o não tempo, advém o tempo que constitui a própria substância metamórfica do *Dasein*. Pode ser interessante pensar que, para Santo Agostinho, o tempo se origina na Eternidade, que também é o não tempo (Livro XI das *Confissões*).

Da mesma forma, no Existencialismo Cristão de Leonardo Boff, a morte – transmutação espiritual que nos conduz à reunião sagrada com o Mistério que permeia o universo, Deus – concede um sentido proposto para a história. Neste ponto, impende salientar que a mesma Serpente que tenta, no início da vivência/experiência-existência do Pequeno Príncipe neste mundo, impedi-lo de se hominizar na história, prometendo-lhe retorno imediato a seu pequeno planeta, é a causa eficiente de sua morte.

Não é difícil associá-la, afinal, à Serpente que, no Jardim do Éden, seduziu Eva e a induziu a provar do fruto proibido, para tornar-se como Deus. Tornar-se onipotente, onisciente e onipresente – os três clássicos predicados teológicos de Deus – faria desnecessária a vivência histórica. Ao fim, obstaria categoricamente a hominização no tempo e no concreto do espaço e, com ela, a liberdade da autoconstrução percursiva do *Dasein* que somos. No entanto, a Serpente, ao fim, será o ádito, o misterioso limiar da transmutação do Pequeno Príncipe, que lhe permite o retorno à condição originária. O Mistério da Iniquidade, desta forma, e na medida em que é fruto da prática da liberdade humana, vai-se converter em instância de redenção escatológica, para o Pequeno Príncipe e, por consequência, para si mesmo.

## 6 | CONCLUSÃO

Acreditavam os antigos gregos que, enquanto lembrada pelos vivos e celebrada nos jogos fúnebres (exéquias) e outros em homenagem a sua memória, a alma seria imortal. Neste sentido, o propósito deste breve ensaio é, em primeiro lugar, render um devido

tributo à sensibilidade e aguda inteligência de Antoine de Saint-Exupéry, que experimentou, ele mesmo, uma senda misteriosa para a atemporalidade da morte. Cabe uma célebre ponderação do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961): homenagear o pensamento de alguém não implica ter de incensá-lo, mas significa manter vivas suas ideias por meio de sua permanente visita e discussão.

A filosofia existencial de matiz cristã, implícita em *O Pequeno Príncipe*, refaz, com sofisticada simplicidade, o convite para o sentido na história. Repropõe a premência de que os “adultos” voltem a ser como “crianças”, como o Pequeno Príncipe. Há aqui uma alegoria, que insta nossos contemporâneos, prisioneiros de um claustro de ausência de sentidos e de incapacidade para criá-los, a uma nova forma de existir, de construir história. No fundo, a dotar de sentido poético o prosaico do mundo, reverter, sem renunciar ao exercício da razão, o **desencantamento do mundo** percebido por Max Weber. Sobretudo, não aceitar que o **reencantamento do mundo** se dê pelo fetiche do Capital (BACCEGA, 2008: 47-49).

O amor fraterno que se instaura entre o Aviador e o Pequeno Príncipe, por fim, relembra-nos de que o *da-sein* que somos pode apenas se perfazer com o outro, pelo outro e para o outro. A necessária experiência histórica da alteridade define sua identidade, tal como a morte define a finitude da vida e a atemporalidade engendra o tempo. É, em suma, um *mit-sein*, um **ser-com**. Esperamos, assim, que o belo livro de Saint-Exupéry possa, reavivado como a alma imortal dos gregos, continuar sua sina – provavelmente árdua como no mito de Sísifo – de ensinar-nos os arcanos do ser-com. Enfim, para mais uma vez apelar à metafísica de Agostinho e sua psicologia introspectiva, o Pequeno Príncipe é aquele que repete (*re-pete*, pede novamente), existencialmente, a máxima do Bispo de Hipona: eu me tornei uma questão para mim mesmo (*mihī ipse quaestio factus sum*), nas *Confissões*, Livro X, 33.

## REFERÊNCIAS

BACCEGA, Marcus. “O fetiche do Capital e a clausura do imaginário”. In: *Escritas*. Goiânia: Universidade Federal de Tocantins, 2008.

\_\_\_\_\_. “O conceito de História para Hegel”. In: *Caminhos da História*. Montes Claros: Editora Unimontes, 2009.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Editora Paulus, 2008.

BOBBIO, Norberto. *A Teoria das Formas de Governo*. Brasília: Editora da UnB, 1996.

BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha*. Uma metáfora da condição humana. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Tempo de Transcendência*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2002.

BOSI, Alfredo. "Teologias, sinais dos tempos". In: Idem. *Entre a Literatura e a História*. São Paulo: Editora 34, 2013.

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à História da Filosofia*. Dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2006.

KANT, Immanuel. "Was ist Aufklärung?". In: SLOTERDIJK, Peter (Org.). *Philosophie Jetzt*. Frankfurt-am-Main: DTV, 2000.

REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. Filosofia pagã antiga. São Paulo: Editora Paulus, 2007.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *Le petit prince*. Paris: Éditions Gallimard, 2007.

SANTO AGOSTINHO. *O Livre Arbitrio*. São Paulo: Editora Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. *Confissões*. São Paulo: Editora Paulus, 2003.

SANTO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alberto Caeiro 158, 161, 163

Alciene Ribeiro 120, 121, 123, 124, 126

Ana Miranda 98, 101

Antoine de Saint-Exupéry 29, 41

Aprendizagem 18, 20, 21, 25, 26, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57

### B

Bolívia 1, 2, 3, 5, 6

Brasil 1, 2, 3, 6, 17, 45, 47, 48, 49, 51, 53, 56, 62, 70, 83, 91, 96, 97, 99, 100, 101, 110, 118, 119, 121, 129, 137, 140, 143

### C

Ciberespaço 83, 85, 88, 89, 90, 91

Cidade 15, 58, 60, 64, 69, 73, 75, 76, 103, 118, 121, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 144

Ciência 26, 28, 32, 33, 70, 93, 101, 114, 117, 152, 155, 165, 166, 169, 170, 171, 172, 173

Conto 38, 47, 56, 120, 123, 124, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 136, 137, 138, 139

Criança 5, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 86, 117, 160

Cultura 1, 2, 3, 5, 8, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 26, 27, 30, 51, 59, 61, 70, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 96, 105, 110, 112, 129, 133, 136, 145, 165, 172

### D

Daniel Kehlmann 165

Desenvolvimento 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 45, 46, 47, 48, 51, 55, 56, 57, 58, 62, 70, 84, 85, 86, 87, 90, 102, 105, 133, 134, 169, 170

Drummond 24, 149, 150, 153, 154, 155, 157

### E

Educação infantil 10, 13, 14, 17, 18, 21, 23, 27, 28, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57

Ensino 3, 7, 20, 21, 23, 28, 43, 44, 45, 49, 51, 55, 56, 58, 60, 62, 63, 65, 69, 70, 72, 88, 141, 174

Erotismo 97, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 157

Escola 2, 5, 7, 8, 9, 10, 14, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 28, 50, 51, 58, 60, 62, 63, 64, 65, 67,

68, 69, 70, 85, 88, 117, 118, 128, 141

Ésquilo 71, 72, 73, 74, 75, 76, 80

Existência 3, 21, 26, 29, 30, 33, 35, 37, 38, 39, 40, 48, 59, 60, 61, 64, 77, 103, 107, 114, 115, 132, 143, 146, 159, 163, 168

## F

Fala 1, 2, 3, 6, 7, 12, 13, 22, 24, 25, 28, 45, 48, 61, 67, 128

Filosofia 7, 8, 28, 30, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 72, 78, 80, 81, 82, 131, 160, 161, 164, 169

França Pinto 141, 144

Fronteira 1, 3, 139

## J

José de Alencar 92, 93, 95, 96

Justiça 6, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 115

Juventude 83, 85, 86, 87, 91, 143, 146

## L

Leitura 3, 7, 15, 16, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 37, 45, 47, 48, 49, 52, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 78, 83, 85, 88, 89, 90, 91, 100, 109, 114, 116, 122, 129, 150, 171

Linguagem 1, 2, 5, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 22, 25, 26, 28, 30, 47, 53, 60, 61, 99, 100, 109, 111, 132, 149, 163, 170, 172

Literatura 1, 2, 3, 7, 13, 18, 19, 21, 22, 23, 26, 27, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 81, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 98, 100, 109, 111, 113, 120, 121, 122, 126, 127, 128, 129, 137, 139, 140, 143, 145, 157, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 174

Literatura contemporânea 127, 128, 129

Literatura infantil 18, 19, 21, 22, 23, 26, 27, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 55, 56, 57

## M

Machado de Assis 113, 114, 118, 129

Metaficção histórica 98, 104

Modernismo 69, 111, 149, 150

Mortalidade materna 92, 93, 96

Mundo 1, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 15, 19, 20, 21, 22, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 55, 59, 60, 61, 62, 63, 84, 86, 88, 90, 91, 101, 105, 106, 107, 121, 134, 151, 156, 157, 158, 160, 161, 164, 165, 167, 168, 170, 171, 172, 173

## O

Ontologia 2, 8, 29, 36, 158, 160, 161, 162, 163

## P

Paternidade 113, 117, 118

Patriarcado 113, 114, 115

Paul Ricoeur 71, 72, 78, 80, 82

Perda gestacional 92, 93, 95, 96

Poesia 8, 15, 17, 24, 25, 27, 29, 59, 134, 135, 141, 144, 149, 152, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164

## R

Realismo 69, 128, 129

Romantismo 69, 93, 142

Rubem Fonseca 127, 128, 129, 130, 137

## S

Século XXI 83, 91, 167

Seringueiro 1, 2, 3, 5, 6

Servidão 120, 122, 125

Submissão 1, 10, 43, 71, 83, 103, 120, 122, 124, 125, 127, 149, 165

## T

Tradição oral 10, 11, 13, 14, 16, 45

## U

Urbano 86, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137

## V

Viagem 106, 117, 165, 166, 167

Vingança 71, 72, 73, 74, 76, 78, 79, 80, 151

Violência 77, 78, 79, 104, 107, 108, 126, 127, 128, 132, 133, 137, 138, 139, 140, 151, 152



# Literatura

e a reflexão sobre os processos de  
simbolização do mundo

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 @atenaeditora

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# Literatura

e a reflexão sobre os processos de  
simbolização do mundo

 [www.arenaeditora.com.br](http://www.arenaeditora.com.br)

 [contato@arenaeditora.com.br](mailto:contato@arenaeditora.com.br)

 @arenaeditora

 [www.facebook.com/arenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/arenaeditora.com.br)